



editorial

A edição de dezembro da revista *Triade: Comunicação e Cultura* apresenta 17 artigos, dentre os quais 13 compõem o Dossiê – *Diversidade cultural/sexual e de gênero*; quatro são os artigos da seção *Outras perspectivas*; uma entrevista, uma resenha e, como de praxe, os resumos das dissertações defendidas durante o ano no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

A questão proposta pelo dossiê desta edição, que teve como colaboradores convidados os professores Dr. Paulo Celso da Silva e Prof. Dr. Wilton Garcia, ambos professores da linha de pesquisa Mídias e Práticas Socioculturais, é compatível com a necessidade de se pensar o sujeito contemporâneo tendo em vista sua (inter)subjetividade fragmentada entre corpo, performance, afeto. A candência da discussão sobre tal temática requer abordagens que atuem como uma resposta teórica, política e social contra a violência, a discriminação e o preconceito.

A necessidade de refletir sobre as demandas e as necessidades de problematização do campo acadêmico e científico sobre os estudos da Comunicação está posta no artigo *Pode uma bicha comunicar? At(r)raques para uma Teoria da Comunicação* de Samilo Takara. Vai ao encontro desta proposição o histórico do debate sobre a questão de gênero no Grupo de Trabalho de Gênero constituído na Universidade Federal do ABC apresenta-

do no artigo *Ciência, epistemologia e estudos de gênero na Universidade Federal do ABC: relato sobre iniciativas para o fomento e institucionalização de uma área de pesquisa interdisciplinar* de Charles Morphy Santos et al.

Considera-se, nessa discussão, que a noção de “gênero” é uma construção social e cultural. Pensar a questão da identidade de “gênero” fora dessa perspectiva é esquecer-se da denúncia que faz Sigmund Freud em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, ao propor, sob a influência do médico alemão, Wilhem Fliess, sua teoria da bissexualidade. Freud não temeu, no início do século passado, diagnosticar uma espécie de embaralhamento das categorias genéricas já no plano biológico, mostrando que somos todos, de algum modo, ao mesmo tempo, ambíguos sexualmente. Somos, no limite, biologicamente diversos ou plural. Masculino e feminino coabitam o mesmo corpo, sem nem uma exclusão ou qualquer tipo de dominação.

Em todas as sociedades, os indivíduos espelham a cultura em que estão imersos e, até por isso, a identidade de gênero revela-se, pouco a pouco, por meio de inúmeras características socioculturais, desde o trabalho que executam até a forma como se vestem, passando ainda pelo modo como se expressam, cada qual determinado pela sociedade como traços de masculinidade ou feminilidade. Representativo dessa vertente é o artigo de Julice Salvagni, Marília Veríssimo Veronese e Marina Guerin, *Identidade de gênero: percursos de resistência no trabalho tido como masculino*, cujas reflexões se assentam na relação entre corpo e gênero nas performances e vivências das mulheres trabalhadoras.

A cultura dominante constrói sua concepção de gênero a partir de uma espécie de binariedade masculino/feminino e, enquanto opostos binários, o significado de um depende do outro, isto é, eles são definidos em oposição ao outro.

A literatura dá-nos exemplo dessa construção. A cultura do ocidente reflete perfeitamente a construção perpetuada desde os contos maravilhosos, cujos papéis de herói e heroína são bem demarcados, isto é, têm suas fronteiras e estereótipos bem delineados. O herói é sempre entrevistado como viril, destemido, pronto para vencer qualquer tipo de adversidade para salvar e proteger a heroína, por sua vez, sempre indefesa, frágil.

Assim, uma cultura cujo pensamento assenta-se nessa binariedade e arrasta todo esse estereótipo deflagrado pela literatura, torna, claramente, impossível de aceitar qualquer modo de existência que dilua essa polaridade. Contudo, para além do sistema hegemônico, os aspectos econômicos, identitários e/ou políticos (re)formulam o alargamento de fronteiras. Diante disso, na contramão da dicotomia que fortalece a estigmatização social enfrentada por LGBTs, o artigo *Empreendedorismo social LGBT: como a formação de redes e iniciativas colaborativas pode atuar na resolução de dilemas sociais baseados em sexualidade e identidade de gênero* de Patrícia de Sá Freire, Marília Matos Gonçalves e Felipe Petik Pasqualotto discute de que forma o consumo pode au-

xiliar na resolução de dilemas sociais baseados em orientação sexual e identidade de gênero.

Também ações afirmativas e visibilidade das comunidades de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Intersexs (LGBTTIs) emergem e são tratadas nos artigos *Corpos (não)representáveis e suas (in)existências pós-periféricas* de Josefina de Fátima Tranquilin-Silva e *Novas perspectivas de visibilidade midiática e afirmação política da população travesti na contemporaneidade: análise do registro audiovisual blasFêmea (2017)*, de Linn da Quebrada e suas implicações comunicacionais de Renato Gonçalves Ferreira Filho e Clotilde Perez. Coincidentemente, a cantora trans Linn da Quebrada é objeto de ambos. No primeiro, o show da cantora é contexto para reflexões sobre representações diaspóricas, que rompem os limites territoriais; no segundo artigo, o registro audiovisual blasFêmea da mesma cantora ilustra os sentidos que a visibilidade midiática e a afirmação política ganham na contemporaneidade.

Finalmente, experiências midiáticas (cinema, internet, publicidade, novelas e série de TV, jornal.) focadas em expressões de alteridade, estão presentes nos próximos artigos do Dossiê. No artigo de abertura da seção, Guilherme Castro e Bernadette Lyra em *Queerness e transgressão do corpo no corpo do documentário Castanha* propõem-se a compreender as configurações cinematográficas do longa metragem Castanha (Davi Pretto, 2014), frente à teoria queer, referenciada por Butler e outros, e a teoria da produção de presença, de Hans Ulrich Gumbrecht.

No ambiente da internet – via redes sociais – inserem-se os artigos “*Todos os relatos doem em quem lê*”: narrativas quase anônimas de uma travesti marginal no Facebook de Alisson Machado e Sandra Rubia da Silva e *Com quantas hashtags se constrói um movimento? O que nos diz a “Primavera Feminista” brasileira* de Graciela Natansohn e Josemira Silva Reis. O primeiro reflete sobre a forma como a intimidade, a marginalidade e a subalternidade dos contextos de vida das prostitutas travestis assumem a dimensão pública nas dinâmicas dos compartilhamentos. O segundo, sobre as novas expressões dos feminismos a partir da popularização das Tecnologias de Informação Comunicação (TIC) no Brasil, bem como sobre as tensões que decorrem desse processo.

Em *Diversidade de corpos na publicidade: o contexto interpretativo nas campanhas Skolors e Reposter da Skol no Facebook*, Tarcízio Silva e Elizabeth Moraes Gonçalves analisam a ressignificação dos corpos em campanha publicitária que vai na contramão do padrão hegemônico, ao tentar reposicionar o imaginário feminino.

A minissérie ‘Oz!’ Exibida na HBO é objeto de reflexões sobre a violência homofóbica no ambiente carcerário em *A vida é uma prisão: virilidades criminosas e violência sexual em ‘Oz’* de Diego Santos Vieira de Jesus. Também no ambiente televisivo, o artigo *Telenovela como roteiro do real: uma análise da família homoafetiva em Amor à Vida e Em Família* de Camilla Rodrigues Netto da Costa Rocha, Maria Aparecida Baccega discorrem a respeito de construções discursivas nas narrativas ficcionais televisivas em torno

da homossexualidade, em especial, lançando luz ao debate legislativo contemporâneo em torno do conceito de família.

O olhar do estrangeiro sobre a alteridade encerra o Dossiê. A maneira como a imprensa espanhola vem cobrindo as notícias que vinculam política e homossexualidade é a temática desenvolvida por Adolfo Carratalá em *De Iceta a Maroto: La identidad gay en política como cuestión de interés periodístico en España*.

Enfim, todo esse debate em torno da construção cultural e sexual do gênero pretende apresentar ao seu leitor uma reflexão de fôlego que tenha como horizonte a desconstrução da binariedade e, por consequência, o estabelecimento de uma abertura menos inflexível sobre as relações humanas, sem reduzi-las às suas clivagens de gênero.

Em seguida, a seção *Outras perspectivas* apresenta artigos que discorrem sobre temas variados. Priscila Monteiro Borges em *As subdivisões do ícone e os sistemas de classes de signos de C. S. Peirce: uma investigação a respeito do modo de representação das qualidades* traz contribuições significativas à semiótica peirceana, ao apresentar propostas para relacionar o conceito de ícone puro e a subdivisão dos hipoícones aos sistemas de 10 e 66 classes de signos. Marcelo Bolshaw Gomes realiza uma revisão das principais contribuições teóricas para os estudos narrativos e redefine narrativa como a mediação dos acontecimentos em *A narrativa midiática: mediações dos acontecimentos*. O artigo *A evolução histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e a inclusão das mulheres no esporte de competição* de Carolina Bortoleto Firmino e Mauro de Souza Ventur traça um histórico da participação feminina em Olimpíadas desde as Revoluções Industrial e Francesa até os anos 80, quando da consolidação do esporte moderno e o destaque para as políticas de inclusão e igualdade de gênero desenvolvidas pelo Comitê Olímpico Internacional. Finalmente, o artigo *O que esperar do uso da narrativa transmídia: um estudo da tragédia no voo da Chapecoense no Jornal Nacional* de Rogério Eduardo Rodrigues Bazi fecha a seção com a discussão sobre a adoção do conceito de narrativas transmídias pelo telejornal no episódio do acidente com o time de futebol de Chapecó.

Na entrevista, Paulo Boni (Universidade Estadual de Londrina) discorre sobre sua vivência como acadêmico e fotógrafo e revela seu encantamento pela imagem.

Desejamos a você uma boa leitura!

Luciana Coutinho Pagliarini de Souza
Editora Chefe

Rodrigo Fontanari
Editor Executivo

Paulo Celso da Silva e Wilton Garcia
Organizadores do Dossiê